

REMATE DE MALES 4
Revista do Departamento de Teoria Literária
Instituto de Estudos da Linguagem
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP/FUNCAMP

Campinas, número 4, dezembro 1984

TERRITÓRIO DA TRADUÇÃO

TERRITÓRIO DA TRADUÇÃO

Iumna Maria Simon
organizadora

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem
Departamento de Teoria Literária
Campinas, 1984



INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Diretor: Jesus Antonio Durigan
Coordenador de Publicações: João Wanderley Geraldi

DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA
Comissão Editorial: Berta Waldman
Iumna Maria Simon

PEDE-SE PERMUTA
Endereço para correspondência:
Coleção Remate de Males
Departamento de Teoria Literária – IEL
Caixa postal 6045
13.100 Campinas, SP, Brasil

APRESENTAÇÃO

A tradução literária, esta modesta atividade de gênero meio indefinido, ainda é das mais desqualificadas, enquanto exercício criativo e intelectual, na escala (vaidosa) de valores de nossa produção cultural. Sujeita a uma política editorial voltada para os critérios quantitativos de lucros imediatos, suas funções culturais diferenciadoras e renovadoras são muitas vezes soterradas pelo oportunismo do baixo custo de produção.

Pouco importa à maioria dos editores a qualidade das versões que oferecem ao seu leitor, tampouco a qualificação dos tradutores “escolhidos” para realizá-las. Preocupar-se com isso implicaria conferir demasiada importância a uma tarefa considerada secundária, exigiria assegurar um estatuto profissionalizante ao tradutor e, mais grave ainda, dar remuneração adequada a esse trabalho. Melhor então ficar como está: quanto menos onerar, melhor. E os tradutores que se dobrem às condições ínfimas de trabalho que lhes são impostas; de preferência, que se conservem no anonimato de uma atividade marginal, no mercado imponderável dos free lancers.

Um processo de produção assim concebido acaba gerando a desqualificação do ato da leitura. O leitor que desconhece a língua original, ou, na melhor das hipóteses, não dispondo do texto de partida, fica inteiramente entregue aos sabores do preço da lauda. Nessa altura, os desmandos sofridos por autor, tradutor e leitor já são de tal modo assimilados à rotina, que nem mesmo as resenhas dos jornais de grande circulação trazem, salvo raras e louváveis exceções, alguma palavrinha de alerta sobre os problemas ou belezas das traduções, sequer mencionam, mais das vezes, o nome do tradutor. É muito bom, e sem dúvida benéfico, que uma obra estrangeira seja apropriada e incorporada ao acervo cultural da língua portuguesa. Mas há um sujeito, agente desta incorporação, que não merece ser desconsiderado: se há boas e excepcionais apropriações, há também verdadeiros insultos ao leitor que, além de despossuído do original, é inteiramente desrespeitado como usuário de sua própria língua.

Surpreendente, num contexto desprivilegiado como esse, é a nossa tradição de excelência no território da tradução literária e da reflexão sobre seus problemas específicos. Já tivemos momentos auspiciosos na relação entre iniciativa editorial, seleção de títulos, competência do tradutor e qualidade da versão, requisitos que, quando combinados, concedem à tradução o papel generoso que

lhe cabe de contribuir para a ampliação qualitativa do público leitor e para o enriquecimento do universo cultural de uma língua. Pioneira, nesse sentido, foi a Editora Globo, de Porto Alegre, cuja iniciativa corajosa, em plena década de 30, deu impulso à publicação de textos clássicos fundamentais, títulos da melhor ficção estrangeira, mais ou menos moderna, trazendo à cena tradutores da envergadura de Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Augusto Meyer, Lúcia Miguel Pereira, Carlos Drummond de Andrade, entre tantos outros. Nas duas décadas seguintes, soma-se a esse o trabalho, também criterioso, na seleção de títulos e de tradutores, das editoras José Olympio, Civilização Brasileira, Martins, Difel, Pongetti. Boa parte das grandes traduções publicadas nesses anos não foi reeditada, poucas continuam em circulação e outras foram substituídas por versões mais recentes, de duvidosa qualidade.

Em resumo, também nesse território andamos sempre dando um passo à frente e dois ou mais para trás. Após aquele momento de sério profissionalismo, a tradição de competência e qualidade vem sendo mantida e consolidada mais pela persistência pessoal de nossos poetas, ficcionistas e outros interessados, às custas de seu amor à arte, do que por incentivos de outras ordens, das casas editoras ou do próprio ambiente cultural. Sintoma das injunções criadas pelo mercado editorial, neste setor, é a quantidade de versões de ensaios teóricos e críticos, especializadíssimos, sobre autores estrangeiros, cujas obras criativas nunca foram traduzidas. Não se trata simplesmente, é claro, de escolha editorial, mas de atendimento a hábitos culturais bem enraizados no público leitor, cujos penhores para a informação de segunda mão são evidentes.

Este número de Remate de Males nasceu da vontade de registrar e divulgar um exemplário significativo desta modalidade de atuação cultural, tão pouco valorizada, mesmo nos meios universitários. Mais de três anos se passaram para que pudesse chegar às vias de publicação, apesar da disponibilidade dos tradutores convidados a contribuir, ainda desta vez, por puro amor à arte. As dificuldades foram aquelas que as revistas acadêmicas em geral enfrentam, sobretudo quando se trate de material como este, que exige maiores e mais caros cuidados técnicos na produção. Nesses anos, cresceu consideravelmente o interesse pela tradução criativa. Outros veículos, de grande alcance, como o “Folhetim” da Folha de S. Paulo, o suplemento “Cultura” d’O Estado de S. Paulo, o novo “Suplemento Literário” do Minas Gerais, passaram a dar-lhe acolhida e prestí-

gio, recuperando uma prática habitual dos grandes suplementos de arte e literatura, atuantes na década de 40 e 50 até princípios de 60. Graças à nossa demora, algumas colaborações destinadas à revista acabaram aparecendo primeiro naqueles veículos.

No decorrer destes anos foram-se alterando a fisionomia e os objetivos iniciais do projeto. Idealizado para divulgar uma antologia do trabalho atual dos tradutores brasileiros, foi aos poucos tomando o rumo da tradição. Resultou daí a inclusão de uma primeira parte, sob a forma de modesta homenagem à tradição modernista da arte de traduzir. De outro lado, ampliou-se o alcance didático de um número tão específico como este, porque veio ao encontro de uma reformulação dos cursos básicos de graduação em Letras, da UNICAMP, com vistas à leitura sistemática de grandes obras da literatura universal, o que impõe, obviamente, o trato com boas traduções.

Não houve, porém, nenhum levantamento sistemático e exaustivo no sentido de rastrear a tradição; isto só seria possível mediante um trabalho de pesquisa coletivo e a longo prazo. Até agora não há quase nada feito na área da história da tradução literária no Brasil, as bibliografias são muito específicas, restritas ao elenco, sempre incompleto, de traduções por autor, tema ou língua, além de serem enormes as dificuldades de localização e acesso aos textos fora de circulação. Mencione-se, como levantamento e descrição histórica, o valioso artigo de José Paulo Paes, "A Tradução no Brasil", publicado recentemente no "Folhetim" (Folha de S. Paulo, 18/9/83).

Compõem esta seção exemplos colhidos ao sabor do desenvolvimento de uma pesquisa particular sobre a poesia brasileira pós-modernista (realizada em jornais, revistas, antologias, anais e outros documentos de época), e de indicações surgidas em conversas com colegas e amigos. Nem todo o material encontrado pôde ser reproduzido aqui. Aos critérios de qualidade e importância histórica, combinou-se o interesse em mostrar diferentes concepções do exercício tradutor, de modo que fossem lembradas versões atualmente quase desconhecidas, ou pouco lembradas, espalhadas por periódicos da época e não recolhidas nas obras dos respectivos autores; as versões constantes de antologias gerais ou específicas nunca reeditadas; e as inéditas, como as que Mario de Andrade fez de alguns de seus poemas para o francês. Este é o único caso de tradução para outra língua transcrita neste volume, por seu inegável valor de documento histórico do primeiro tempo modernista.

Se a amostragem não dá conta da intensa e diversificada atividade tradutora, exercida por poetas e escritores desde o modernismo, pode testemunhar a im-

portância que lhe foi atribuída como uma das formas de enriquecimento do trabalho criador, e como meio indispensável à renovação literária e à ventilação cultural do país. Objetivos em que todos estiveram empenhados, de um modo ou de outro, nos diferentes momentos da constituição de nossa modernidade. Valem ainda como documentos da existência de diferentes ângulos de compreensão do exercício transcriador: não só cada período literário erige seus próprios conceitos e faz suas escolhas nesse território, como ocorrem divergências num mesmo tempo e mudanças de ponto de vista na trajetória de um autor. Exemplo dos mais curiosos é o de Manuel Bandeira, de quem escolhemos acrescentar o célebre “Soneto” de Ronsard, em prejuízo de outras de suas importantes versões. Embora seja um texto bastante conhecido, por pertencer ao conjunto de poemas de *A Cinza das Horas* (1917), com o título de “Paráfrase de Ronsard”, publica-se aqui uma versão bem posterior (divulgada no “*Letras e Artes*”, suplemento de *A Manhã*, 13/2/49), a mostrar como a “paráfrase”, gênero desclassificado como invenção poética – que mereceu crítica de Mario de Andrade na ocasião em que leu o livro – foi assumida (com mínimas alterações vocabulares e de pontuação) como uma tradução. O que documenta exemplarmente a história de uma mentalidade transcriadora em sua viva evolução. Vale a pena mencionar ainda as “traduções para o moderno”, como o próprio Bandeira denominou, de sonetos de Bocage e poemas de Castro Alves, acompanhadas de observações muito interessantes para a compreensão de seu próprio processo de criação. Quem hoje se lembra que o famoso poema “Teresa” (de *Libertinagem*, 1930) é uma tradução para o “moderno” de “O ‘adeus’ de Teresa” de Castro Alves, com o seguinte comentário: “Ao passo que a tradução de Bocage é quase ad litteram, esta do Adeus afasta-se tanto do original que a espíritos menos avisados parecerá criação. O meu propósito, porém, foi trasladar com a máxima fidelidade, sem permitir que na versão se insinuasse qualquer parcela do meu sentimento pessoal, o que espero ter conseguido.” (“O Mês Modernista”, *A Noite*, RJ, 16/12/25).

Desta primeira parte consta também um texto meio fora de lugar: o artigo “Os três navios negreiros”, de Augusto Meyer, que, na verdade, não caberia em seção alguma, caso restringíssemos por demais o conceito de tradução. Não aborda diretamente o assunto em pauta, mas posto ao lado da magnífica tradução de “O navio negreiro”, de Heinrich Heine, feita pelo mesmo autor, amplia a perspectiva de compreensão da atividade tradutora, agora como uma forma de diálogo histórico, intertextual, entre poetas, tempos e línguas diferentes, tendo ainda o mérito de ultrapassar as questões geradas pela acabrunhada no-

ção de influência: de como Heine leu e traduziu poeticamente o poema de tema similar de Béranger, e de como foi lido e traduzido por Castro Alves.

Por outro lado, não foi possível encontrar traduções de que se tem notícia inclusive bibliográfica, as quais pelos mais variados motivos permaneceram inéditas, como a do “Círculo de Giz Caucásico” de Bertolt Brecht, feita por Manuel Bandeira, em 1963, especialmente para o Teatro Nacional de Comédia. Ou o prometido volume *Meu Teatro e o dos Outros*, de Guilherme de Almeida, último trabalho organizado pelo autor antes de morrer em 1969, nunca editado, contendo textos de Oscar Wilde, Tennessee Williams, Jean Cocteau, Jean Anouilh, e outros. Caso também misterioso é o volume de belo título *Poesia Errante* (traduções), de Carlos Drummond de Andrade, anunciado (já no prelo!), entre as obras do autor, na primeira edição de *Claro Enigma* (Rio de Janeiro, José Olympio, 1951).

Quanto à prosa de ficção, ficou difícil selecionar fragmentos curtos e significativos, adequados ao espaço da revista, que não perdessem os fios da trama ou o sentido de conjunto. Da pouco lembrada tradução integral que Cecília Meireles fez de *As Mil e uma Noites*, a partir da versão integral francesa de Mardrus — “suavizada” para o leitor ocidental, como advertem os editores brasileiros, mas não censurada —, extrair um pequeno excerto seria prejudicar a estrutura de composição do texto, à qual a tradutora foi fiel, e recair nos esquemas correntes de divulgação dessa narrativa, quase todos mutiladores de sua complexidade compositiva. Esta versão, publicada pelo *Anuario do Brasil*, por volta de 1928, nunca foi reeditada.

Assim, o já resumido exemplário da tradição moderna ficou restrito à recriação poética, o que não é uma pena: afinal este é o terreno onde se concentram os maiores desafios e dificuldades da transposição criativa. Pena sim é que não tenha sido viável uma edição bilingüe, como se pretendia.

Na última parte, dedicada aos “Temas do tradutor e da traição”, título glosado de Jorge Luis Borges, a par dos artigos e comentários especialmente destinados à revista, comparecem alguns (poucos também) exemplos de diferentes tipos de documentação, cartas, fragmentos de diários críticos, resenhas e artigos, ilustrativos da importância que a meditação sobre a arte de traduzir e de trair tem no percurso da tradição moderna brasileira. Em nossos dias acrílicos, por falta de real interesse, de generosidade intelectual, ou talvez por perda da prática de liberdade, é uma experiência saudável reencontrar o clima polêmico de manifestação aberta de idéias que marcou o exercício crítico em momentos decisivos da história do Modernismo. Impressiona a atenção e o cuidado dispensa-

dos ao confronto de traduções, os critérios de escolha das melhores soluções, a crítica aos deslizes ou erros das transposições realizadas por aqueles que já eram nossos melhores tradutores e poetas.

Mas é na parte intermediária que está reunido o exemplário dos tradutores-criadores brasileiros atualmente em ação. Muitos desses nomes são bastante conhecidos, há anos vêm se dedicando amorosamente à produção de uma obra de reconhecida função transcultural. Outros iniciaram-se recentemente, já se beneficiando do debate, das lições e dos produtos da geração que se seguiu à dos poetas tradutores modernistas. As ausências, em ambos os casos, são inumeráveis, sobretudo na área da ficção e do texto teatral. Em todo caso, na tônica que naturalmente se impôs, a da recriação poética, desdobramo-nos em esforços para que um amplo leque de tendências estivesse representado.

O interesse da reunião de múltiplas atitudes não é privilegiar esta tendência ou aquela poética da tradução, e sim reiterar a existência de uma consciência recriadora plural. Vê-se, em meio a este elenco numeroso de tradutores, que houve uma diversificação fecunda de concepções recriadoras e de estratégias culturais, promotoras da transposição de uma língua para outra e do trânsito de poetas, tempos e estilos diferentes. É perceptível, nesta seção, que a tradição modernista se consolidou no sentido de estas várias modalidades de tradução basearem-se em poéticas mais palpáveis e fazerem-se acompanhar de um esforço de reflexão teórica mais especializada. Aparece aqui uma sensibilidade mais apurada tecnicamente, que se libertou afinal dos mitos da paráfrase ou da informação emotiva.

Temos assim, na antologia, casos representativos da tradução livre que, perseguindo certos achados, se descola necessariamente do texto original, submetendo-se ao arbítrio das próprias soluções da sensibilidade translática; ou da recriação que, embora livre, busca uma fidelidade a aspectos ou conteúdos particulares, criando uma homologia de tons e contextos baseados na interpretação mais perspicaz do original. Há ainda a transposição semântica, em que o resgate do conteúdo se impõe como a camada mais proeminente da mensagem poética; ou a tradução filológica, ciosa em não obliterar certas informações culturais imanentes à experiência lingüística e à historicidade do vocábulo. E, por fim, a linha da recriação "paramórfica", se assim podemos chamar, ligada inicialmente à prática dos poetas concretos, que redimensiona as questões do significado a partir de uma reconstituição detida e microscópica das figuras sonoras, paronomásias e outras equivalências criadas pelo texto de partida.

Ao esboçarmos esta breve e precária tipologia, é claro que estamos lidando

com tipos ideais; as próprias recriações não correspondem à rigidez de programas como esses, mais das vezes implícitos à prática tradutora ou combinados de forma muito particular. Isto vem confirmar a importância de serem estimulados os diálogos entre atitudes aparentemente excludentes, porque, na verdade, todas confluem no sentido de consolidar os valores de competência técnica e qualidade recriadora da tradução literária, de elevar o nível de exigência do público leitor e, por certo, e mais difícil, de instigar a mudança de mentalidade na política editorial. Se este diálogo crítico inevitável e necessário se travar, estará cumprido o propósito desta publicação.

Nossos agradecimentos começam por aqui: pela generosa colaboração dos tradutores convidados a participar, muitos dos quais se dispuseram a oferecer traduções e artigos inéditos ou especialmente elaborados para esta publicação.

Aos familiares, herdeiros, responsáveis por acervos e às editoras dos homenageados na primeira e terceira partes, pela reprodução de partes ou fragmentos de suas obras.

A Maria Livia Meyer de Resende Costa, pela gentileza com que localizou e cedeu materiais pertencentes aos arquivos de seu pai Augusto Meyer. A Telê Porto Ancona Lopez, pela generosa indicação das versões manuscritas de Mario de Andrade. À Direção do Instituto de Estudos Brasileiros da USP que autorizou a publicação desse material. A Virgínia de Araújo Figueiredo, pela atenciosa iniciativa de localizar livros raros na Academia Brasileira de Letras e na Biblioteca Nacional.

A Berta Waldman, que dividiu comigo a idealização inicial deste número, pelas colaborações de José Paulo Paes e Yara Frateschi Vieira. A Boris Schnaiderman que encaminhou, já há alguns anos, as traduções de Paulo Leminski. A Adélia Menezes de Bezerra, que trouxe a contribuição de José Cavalcanti de Souza.

A Alexandre Eulalio, um dos grandes incentivadores deste projeto, são devidas informações minuciosas, referências, enfim, tudo aquilo que só ele, como sempre, sabe lembrar. A Vinicius Dantas e ao seu especial interesse pela tradução, bem como a possibilidade de serem incluídas traduções esparsas, de difícil acesso, cedidas de seu arquivo pessoal. A ambos agradeço ainda a boa vontade com que se dispuseram a acompanhar todas as etapas de elaboração, impressão e revisão da revista.

Sem o auxílio de Flávio George Aderaldo, com os cuidados técnicos e gráficos dispensados à composição, diagramação e impressão, e as providências de Jesus Durigan, Diretor do Instituto de Estudos da Linguagem (UNICAMP), não teria sido possível levar a termo esta publicação.

*Iumna Maria Simon
Campinas, 1984*